

Papa pede aos cristãos oração pela paz e jejum para dissipar os “ventos de guerra”

O Papa Francisco abriu a segunda parte do Sínodo da Sinodalidade com a Missa dos Santos Anjos da Guarda. Falou sobre a Igreja como lugar de acolhida e escuta e convidou os cristãos a jejuar e rezar no dia 7 de outubro para pedir pela paz no mundo.

05/10/2024

Celebramos hoje a memória litúrgica dos Santos Anjos da Guarda e reabrimos a Sessão Plenária do Sínodo dos Bispos. E, ao escutar o que nos sugere a Palavra de Deus, poderíamos tomar como ponto de partida para a nossa reflexão três imagens: a *voz*, o *refúgio* e a *criança*.

Primeiro, a **voz**. No caminho para a Terra Prometida, Deus aconselha o povo a escutar a “voz do anjo” que Ele enviou (cf. *Ex 23, 20-22*). É uma imagem que nos toca de perto, porque o Sínodo é também um caminho, durante o qual o Senhor coloca nas nossas mãos a história, os sonhos e as esperanças de um grande Povo: de irmãs e irmãos nossos espalhados pelo mundo, animados pela mesma fé, movidos pelo mesmo desejo de santidade, no sentido de

procurarmos compreender, com eles e para eles, qual a estrada a seguir para chegar onde Ele nos quer levar. Mas como podemos nós escutar a “voz do anjo”?

Um modo possível é certamente o de nos aproximarmos com respeito e atenção, na oração e à luz da Palavra de Deus, a todos os contributos recolhidos ao longo destes três anos de trabalho, partilha, confronto de ideias e paciente esforço de purificação da mente e do coração. Trata-se, com a ajuda do Espírito Santo, de escutar e compreender *as vozes*, ou seja, as ideias, as expectativas, as propostas, para discernir juntos *a voz de Deus* que fala à Igreja (cf. Renato Corti, *Quale prete?*, Escritos inéditos). Como repetidamente recordamos, esta não é uma assembleia parlamentar, mas um lugar de escuta em comunhão, onde, como diz São Gregório Magno, aquilo que alguém tem em si

parcialmente, possui-o completamente um outro, e embora alguns tenham dons particulares, tudo pertence aos irmãos na “caridade do Espírito” (cf. *Homilias sobre os Evangelhos*, XXXIV).

Para que isso aconteça, há uma condição: libertarmo-nos de tudo o que, em nós e entre nós, pode impedir à “caridade do Espírito” criar harmonia na diversidade. Todo aquele que, com arrogância, presume e pretende a exclusividade na escuta da voz do Senhor, não consegue ouvi-la (cf. *Mc* 9, 38-39). Cada palavra deve ser acolhida com gratidão e simplicidade, para se tornar eco do que Deus deu em benefício dos irmãos (cf. *Mt* 10, 7-8). Muito concretamente, tenhamos o cuidado de não transformar os nossos contributos em teimosias a defender ou agendas a impor, mas ofereçamo-los como dons a partilhar, dispostos também a sacrificar o que é

particular, se isso servir para juntos fazermos nascer algo novo, segundo o projeto de Deus. Caso contrário, acabaremos por nos fechar num diálogo de surdos, onde cada um tenta “puxar água ao seu moinho” sem ouvir os outros e, sobretudo, sem ouvir a voz do Senhor.

Não somos nós que temos a solução para os problemas a enfrentar, mas Ele (cf. *Jo* 14, 6), e recordemos que no deserto não se brinca: se alguém, presumindo-se autossuficiente, não presta atenção ao guia, pode morrer de fome e de sede, arrastando também consigo os outros. Portanto, escutemos a voz de Deus e do seu anjo, se realmente quisermos prosseguir em segurança o nosso caminho para além dos limites e das dificuldades (cf. *Sl* 23, 4).

E isto leva-nos à segunda imagem: o **refúgio**. O símbolo é o das asas protetoras: “debaixo das suas asas

encontrarás refúgio” (*Sl* 91, 4). As asas são instrumentos poderosos, com os seus movimentos vigorosos podem levantar um corpo do chão. Mas, mesmo sendo tão fortes, podem também abaixar-se e recolher-se, tornando-se um escudo e um ninho acolhedor para os filhos pequenos, necessitados de calor e proteção.

Isto simboliza o que Deus faz por nós, mas é também um modelo a imitar, especialmente neste tempo de assembleia. Entre nós, queridos irmãos e irmãs, há muitas pessoas fortes, bem preparadas, capazes de se elevarem às alturas com os movimentos vigorosos de reflexões e intuições brilhantes. Tudo isto é uma riqueza, que nos estimula, impulsiona e por vezes obriga a pensar mais abertamente e a avançar com decisão, mas também nos ajuda a permanecer firmes na fé mesmo perante desafios e dificuldades. Com coração aberto,

com coração em diálogo. Um coração fechado nas suas próprias convicções não pertence ao Espírito do Senhor, não é do Senhor. A abertura é um dom que, em tempo oportuno, deve ser unido com a capacidade de descontrair os músculos e de inclinar-se, de modo a que cada um se possa oferecer aos outros como um abraço acolhedor e um lugar de abrigo, para ser, como dizia São Paulo VI, “uma casa [...] de irmãos, uma oficina de intensa atividade, um cenáculo de ardente espiritualidade” (*Discurso ao Conselho da Presidência da C.E.I.*, 9 de maio de 1974).

Aqui, cada um se sentirá tanto mais livre de se exprimir espontânea e abertamente, quanto mais sentir à sua volta a presença de amigos que o amam, respeitam, apreciam e desejam ouvir o que tem para dizer.

E isto, para nós, não é apenas uma técnica para “facilitar” o diálogo (é verdade que no Sínodo há “facilitadores”, mas estão para nos ajudarem a prosseguir melhor...) ou uma dinâmica de comunicação de grupo: efetivamente, abraçar, proteger e cuidar faz parte da própria natureza da Igreja. Abraçar, proteger e cuidar. A Igreja, por vocação, é um lugar hospitalero de encontro, onde “a caridade colegial exige uma harmonia perfeita, da qual resulta a sua força moral, a sua beleza espiritual e a sua exemplaridade” (*ibid.*). “Harmonia” é uma palavra muito importante. Não se trata de maioria ou de minoria. Isto pode ser um primeiro passo, mas o que importa, o que é fundamental é a harmonia, a harmonia que só o Espírito Santo pode fazer. Ele é o mestre da harmonia, que com tantas diferenças, com tantas vozes diferentes, é capaz de criar uma só voz. Pensem como, na manhã de

Pentecostes, o Espírito criou harmonia nas diferenças. A Igreja tem necessidade de “lugares de paz e abertura”, a serem criados principalmente nos corações, onde cada um se sinta acolhido como uma criança nos braços da mãe (cf. *Is* 49, 15; 66, 13) e como um menino levantado até ao rosto do seu pai (cf. *Os* 11, 4; *Sl* 103, 13).

E assim chegamos à terceira imagem: a **criança**. É o próprio Jesus, no Evangelho, que a “coloca no meio”, que a mostra aos discípulos, convidando-os a converter-se e a tornar-se pequenos como ela. Tinham-lhe perguntado quem era o maior no reino dos céus e ele responde encorajando-os a tornarem-se pequenos como uma criança. E acrescenta que quem acolher uma criança no seu nome, O acolhe a Ele mesmo (cf. *Mt* 18, 1-5).

E para nós este paradoxo é fundamental. O *Sínodo*, dada a sua importância, de certo modo pede-nos para sermos “grandes” – na mente, no coração, nas visões –, porque os temas a tratar são “grandes” e delicados, e os cenários em que se inserem são amplos, universais. Mas, precisamente por isso, não podemos deixar de olhar para a criança que Jesus continua a colocar no centro dos nossos encontros e das nossas mesas de trabalho, para nos recordar que a única maneira de estar “à altura” da tarefa que nos foi confiada é abaixando-nos, fazendo-nos pequenos e acolhendo-nos uns aos outros como tal, com humildade. Na Igreja, o mais alto é aquele que mais se abaixa.

Recordemos que é precisamente fazendo-se pequeno que Deus “demonstra o que é a verdadeira grandeza, aliás, o que quer dizer ser Deus” (Bento XVI, *Homilia na festa do*

Batismo do Senhor, 11 de janeiro de 2009). Não é por acaso que Jesus diz que os anjos das crianças “veem constantemente a face de meu Pai que está no Céu” (*Mt 18, 10*): elas são como que um “telescópio” do amor do Pai.

Irmãos e irmãs, retomemos este caminho eclesial com o olhar voltado para o mundo, porque a comunidade cristã está sempre a serviço da humanidade, para anunciar a todos a alegria do Evangelho. É necessário fazer isso, sobretudo nesta hora dramática da nossa história, enquanto os ventos da guerra e os fogos da violência continuam a devastar povos e nações inteiras.

No próximo domingo, para invocar por intercessão de Maria Santíssima o dom da paz, irei à Basílica de Santa Maria Maior, onde rezarei o santo Rosário e dirigirei a Nossa Senhora uma sentida súplica; peço também a

vocês, membros do Sínodo, que se possível se unam a mim nessa ocasião.

E, no dia seguinte, 7 de outubro, peço a todos que vivam um dia de oração e jejum pela paz no mundo.

Caminhemos juntos, escutemos o Senhor e deixemo-nos guiar pela brisa do Espírito.

Libreria Editrice Vaticana /
Rome Reports

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/papa-pede-aos-cristaos-oracao-pela-paz-e-jejum-para-dissipar-os-ventos-de-guerra/>
(16/01/2026)